

Transvisível: (in)visibilidades da população LGBTI+ na criação artística e sua abordagem pedagógica

Transvisível: (in)visibility of the LGBTI+ population in artistic creation and its pedagogical approach

Transvisível: (in)visibilidad de la población LGBTI + en la creación artística y su enfoque pedagógico

Erlane Rosa dos Santos¹

Clarissa Santos Silva²

1 Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Artes e Suas Tecnologias pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9895577303065669>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2435-9459>. E-mail: erlane.rosa@csc.ufsb.edu.br.

2 Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2026761020628668>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4663-6296>. E-mail: clarissa.santos@ufsb.edu.br.

Resumo

O presente artigo discute as dissidências de gênero a partir da experiência de exposições artísticas em espaços educacionais, através da inserção do trabalho Transvisível enquanto ferramenta pedagógica para a promoção do debate sobre sexualidade e gênero. Na primeira parte, abordaremos dados e referências do projeto de pesquisa que deu bases à criação do trabalho Transvisível, em suas relações com formas de vestimenta, expressão e com as (in)visibilizações da população LGBTI+. Em seguida, serão apresentadas as exposições em espaços formais e não-formais de educação, articulando os relatos das vivências e percepções suscitadas. Por fim, consideramos a importância das diferentes exposições da obra nestes espaços educacionais, as potencializações de discussões sobre as dissidências de gênero e as violências sofridas pela população LGBTI+, bem como sobre a importância da articulação universidade-comunidade-escola, que estruturou a vivência deste trabalho, da sua concepção à sua fruição.

Palavras-Chave

Arte; Educação; Gênero; Escola; LGBTI+.

Abstract

This article discusses gender differences based on the experience of artistic exhibitions in educational spaces, through the insertion of Transvisible work as a pedagogical tool for promoting the debate on sexuality and gender. In the first part, we will address data and references from the research project that gave rise to the creation of the Transvisible work, in its relations with forms of dress, expression and with the (in)visibility of the LGBTI + population. Then, the experiences of exposure in formal and non-formal educational spaces will be presented, articulating the reports of the experiences and perceptions raised. Finally, we consider the importance of the experience of exhibiting the work in these educational spaces, the potentialization of discussions on gender differences and the violence suffered by the LGBTI + population, as well as on the importance of the university-community-school articulation, which structured the experience of this work, from its conception to its enjoyment.

Keywords

Art; Education; Genre; School; LGBT+.

Resumen

Este artículo analiza las diferencias de género a partir de la experiencia de las exposiciones artísticas en los espacios educativos, a través de la inserción del trabajo Transvisible, como herramienta pedagógica para promover el debate sobre la sexualidad y el género. En la primera parte abordaremos datos y referencias del proyecto de investigación que dio lugar a la creación de la obra Transvisible, en sus relaciones con las formas de vestir, de expresión y con la (in) visibilidad de la población LGBTI +. Luego, las exposiciones se presentarán en espacios educativos formales y no formales, articulando los relatos de las experiencias y percepciones planteadas. Finalmente, consideramos la importancia de las experiencias de exponer el trabajo en estos espacios educativos, la potencialización de discusiones sobre las disidencias de género y la violencia que sufre la población LGBTI +, así como la importancia de la articulación universidad-comunidad-escuela, que estructuró la experiencia. de esta obra, desde su concepción hasta su disfrute.

Palabras clave

Arte; Educación; Género; Colegio; LGBTI +.

ISSN: 2447-1267

Introdução

Os debates sobre educação sexual na escola ganharam um espaço contundente nos últimos tempos, principalmente diante da intensificação das fakes news em relação aos “kits gays” e “ideologia de gênero” propagadas na disputa eleitoral de 2018, durante a campanha do atual governo. Esses desdobramentos atingiram o Ministério da Educação, quem vem sofrendo coerções ideológicas desde o início do atual mandato presidencial, tendo atualmente como ministro um pastor evangélico. Estas discussões, iniciadas no âmbito federal, acabaram chegando nas câmaras municipais também, incluindo a cidade de Porto Seguro/BA, onde foi apresentado o Projeto de Lei nº 023/2018, que dispõe sobre a vedação do ensino de ideologia de gênero para crianças e adolescentes na rede de ensino do município, tendo sido aprovada com 11 votos favoráveis. A lei não foi implementada por ser inconstitucional.

As mobilizações geradas pela pauta, exacerbaram as divergências político-ideológicas na cidade mas, em contrapartida, também potencializaram ações de discussão e criação artística, para pensar criticamente a importância da educação sexual e do debate sobre as dissidências de gênero no âmbito escolar. Gestado junto à um projeto de pesquisa da Universidade Federal do Sul da Bahia, o trabalho intitulado *Transvisível* (2018), da autora Erlane Rosa acaba irradiando estas inquietações do contexto e buscando suas ressonâncias em espaços educacionais, formais e não-formais.

Neste trabalho, abordaremos a importância das discussões sobre educação sexual e dissidências de gênero nos espaços educacionais. Para isso, partiremos do processo de pesquisa e criação da obra *Transvisível*, que relaciona-se com as reflexões sobre como a vestimenta da população LGBTI+ pode ser vista como um ato político e da visibilização humanizada das violências sofridas por esta população e relataremos as experiências de exposição e debate da obra em espaços formais e não-formais de educação.

Transvisível (2018)

Transvisível surgiu a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa *Roupa - Fábrica do Corpo: Estéticas corporais no Sul da Bahia*, sob orientação do prof. Dr. Augustin de Tugny, onde foram abordadas a vestimenta da comunidade LGBTI+ na cidade de Porto Seguro. Sobretudo, a posição social associada aos tipos de vestimenta de cada indivíduo, os lugares dos/as sujeitos/as e a distinção do feminino e masculino.

A escolha da roupa, o modo de se vestir, a postura corporal que a vestimenta proporciona ao corpo são escolhas importantes para as pessoas LGBTI+. Como declara Filho (2015, p.4) “existe um modo de vestir gay” que se estabelece numa reivindicação dos sujeitos em sua feitura corporal, bem como em sua identidade social.

O modo de se vestir tem um papel preeminente. Como objeto de pesquisa, de fato, a indumentária é um fenômeno completo porque, além de propiciar um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, também tem valência de linguagem, na acepção de sistema de comunicação, isto é, é um sistema de signos por meio do qual os seres humanos delineiam a sua posição no mundo e a sua relação com ele... (CALANCA, 2008, p. 16)

Identificar-se como uma pessoa LGBTI+ é desfazer a forma de representação da sexualidade construída pela sociedade heteronormativa. Essa desconstrução está diretamente ligada ao modo de vestir e se apresentar ao mundo, pois o corpo é ressignificado a partir das vestes que o cobrem. As roupas estão ligadas às relações que cada indivíduo tem com seu corpo e como esse corpo interfere na sociedade.

O objetivo da pesquisa foi o de trazer uma reflexão sobre vestimenta e gênero, de modo a problematizar o papel social da roupa e a luta das LGBTI+, destacadamente, as que buscam por uma afirmação identitária em contraposição à uma sociedade com padrões estabelecidos, com vieses limitantes de gênero e uma constante afirmação da cisgeneridade e heteronormatividade nos modos de existir, se expressar e se relacionar. As distinções de gênero reafirmadas pelas roupas, acabam por alocar as pessoas da comunidade LGBTI+ no lugar do estranho, esquisito, não aceito:

O corpo vestido de modo não convencional aponta para o extraordinário, para o que sai do padrão, que foge do usual e do previsto. Ao apresentar-se além da ordem estabelecida, este corpo desperta, naqueles que o observam, novas percepções que, por consequência, engendram novos saberes e novos modos de fazer. (PIRES et al., 2015, p. 12)

Entendemos que ao longo da história a roupa assumiu determinadas funções: cobrir e aquecer o corpo, classificação social e simbologia. No entanto, podemos perceber que, atualmente, em relação à reivindicação da diversidade sexual, ela cada vez mais assume a função de expressão, identidade, individualidade, reflexão.

A roupa pode ser vista como uma forma de expressão, uma busca por liberdade, afirmação de identidade. É uma questão de postura - corporal e social - através da experiência com a roupa as pessoas têm uma representação de imagem, gesto, atitude; uma identificação de personalidade, do modo como elas se reconhecem e são participantes da sociedade. Portanto, o modo de se vestir da comunidade LGBTI+ pode ir muito além de uma busca por identidade, aceitação de si: se vestir, para a população LGBTI+, pode se constituir como um ato político.

Compreendendo o momento político atual, com uma forte participação de lideranças religiosas cristãs ocupando cargos políticos nos níveis federais, estaduais e municipais e com isso intensificando os discursos conservadores influenciando diretamente as práticas educacionais, se faz cada vez mais necessário que as/os educadores/as tenham conhecimentos e usem a seu favor os fundamentos legais

para que as discussões de gênero e sexualidade sejam aplicadas nas propostas pedagógicas.

O Conselho Nacional de Educação na resolução n. 07, de 14 de dezembro de 2010, fala em relação aos componentes curriculares para o ensino fundamental:

Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90)...(BRASIL, 2010, p. 34)

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio no Artigo 27 inciso XV abordam a promoção dos direitos humanos mediante a temas relevantes, dentre eles gênero e identidade de gênero:

XV - promoção dos direitos humanos mediante a discussão de temas relativos a raça e etnia, religião, gênero, identidade de gênero e orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de preconceitos, discriminação e violência sob todas as formas (BRASIL, 2018, p. 14)

Enquanto as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional falam das condições para acesso e permanência na escola e de respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância...

Contudo, a realidade das pessoas LGBTI+ nas escolas é bem diferente disso. Segundo pesquisa apresentada na Câmara dos Deputados em outubro de 2017, 73% dos estudantes que se identificam como gays, lésbicas ou transexuais sofreram bullying homofóbicos e 37% violência física. A insegurança nas escolas é um dos principais fatores para a evasão escolar dessas pessoas.

Embora nos últimos anos a representatividade da comunidade tenha tido um leve aumento nos meios de comunicação e as pautas tenham ganhado mais ênfase em alguns programas televisivos e nas redes sociais, a maioria dos destaques concentram-se ainda nas violências e assassinatos relatadas nos jornais e websites de teor sensacionalistas, com notícias frias e fotos chocantes cujo único intuito é elevar a audiência. Os números reais e com uma narrativa humanizada ficam restritos a alguns grupos destinados à defesa dos direitos LGBTI+. Dentre estes, o Grupo Gay da Bahia que traz relatórios anuais de mortes, os dados de 2019 apontam que 329 LGBTI+

tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homofobia e transfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%).

Considerando a pesquisa realizada e os dados apontados acima, um dos resultados do projeto foi um processo de criação artística, dando origem ao projeto *Transvisível*: uma tentativa de humanizar esses corpos que são violentados duas vezes, uma quando o ato de violência ocorre e outra quando suas vidas são reduzidas a estatísticas, dados e gráficos. Neste sentido, foram usadas reportagens encontradas online, que noticiavam algumas das violências sofridas pela comunidade LGBTI+ no estado da Bahia e os dados de violência de nível nacional, para fazer essa produção artística reflexiva.

Para levar a uma reflexão mais próxima da nossa, foram usadas fotografias da comunidade LGBTI+ local e através delas foram feitas 38 ilustrações. Os desenhos foram traçados por cima dessas reportagens. As reportagens foram impressas em folhas brancas e foi usada caneta fluorescente, de modo a dar um efeito luminoso no desenho e também para que as pessoas possam conseguir ler as reportagens. Para isso, a obra deve ser exposta com luz negra.

A obra busca transformar a relação com esses dados, alterando a percepção deles como apenas números; para que passemos a enxergá-los como vidas que são destruídas, de pessoas iguais às quais convivemos diariamente.



Fig. 1 - Erlane Rosa, *Transvisível*, 2018. Dimensões variáveis.

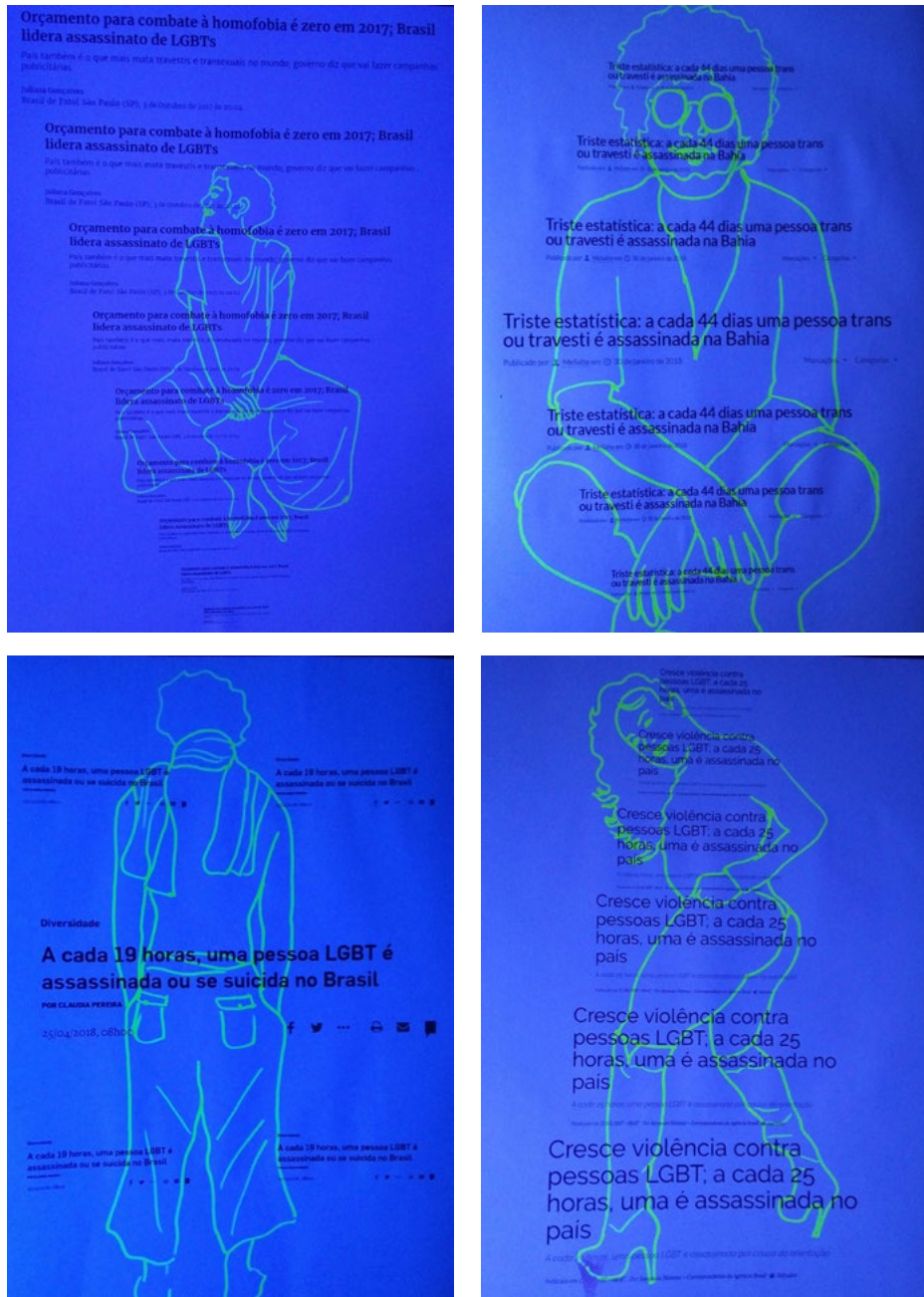


Fig. 2 a 5 - Erlane Rosa. Detalhes da obra *Transvisível*, 2018. Dimensões variáveis.

As experiências de exposição

Após a apresentação do projeto de pesquisa na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Sul da Bahia, em outubro de 2018, o *Transvisível* entrou em uma série de exposições.

Entre os dias 6 e 10 de fevereiro de 2019 ficou exposto na 11ª Bienal da UNE na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador, tendo como público participante

as entidades estudantis União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG). A experiência da participação neste evento foi muito importante pela diversidade das pessoas que estiveram prestigiando a exposição durante os quatro dias de evento. Embora tenha sido exposto a indivíduos de várias idades e estados diferentes, a compreensão do trabalho e identificação foi imediata, pois a grande maioria deles é de movimentos nos quais as discussões das dissidências de gênero e as dificuldades enfrentadas por sua comunidade é uma pauta constante.

Este processo de exposição e discussão da obra também foi fundamental para pensar seu potencial pedagógico e ampliar as perspectivas de exposição do trabalho. Arelada, ainda, às inquietações da formação inicial enquanto docente e ao desejo de levar a experiência poético-política incitada pela obra à educação básica do município de Porto Seguro/BA. Assim, foram realizadas exposições da obra, seguidas por conversas com as/os estudantes, permitindo reconhecer suas impressões, inquietações e trazer à baila dados, argumentos e formação crítica sobre os debates em torno da sexualidade e das dissidências de gênero.

No dia 31 de maio de 2019, *Transvisível* foi exposta no Colégio Municipal Professor Álvaro Henrique dos Santos, escola localizada num bairro periférico de Porto Seguro/BA e destinado a estudantes do ensino fundamental. Essa apresentação surgiu a convite do professor de Artes do colégio, após um caso de homofobia ocorrido em uma de suas aulas, entre os estudantes do nono ano.



Fig. 6 - Registro da exposição da obra no Colégio Municipal Prof. Álvaro Henrique dos Santos, 2019.
Fonte: arquivo da artista.

Os estudantes tiveram um tempo para observar o trabalho e produzirem anotações e perguntas para a roda de conversa que viria posteriormente. A princípio, as perguntas feitas pelos estudantes foram sobre o processo de criação do trabalho;

como surgiu a ideia. No entanto, depois que se sentiram mais confortáveis, associaram o trabalho com o caso de homofobia ocorrido na semana anterior, falaram também da importância de terem contato com esse trabalho exposto, para a compreensão do quão grave os atos preconceituosos podem ser e ficaram muito impressionados com os dados registrados nas reportagens.



Fig. 7 - Roda de conversa no Colégio Municipal Prof. Álvaro Henrique dos Santos, 2019. Fonte: arquivo da artista.

Após a discussão sobre o trabalho e as dúvidas tiradas, o professor da turma pediu que fizessem um memorial reflexivo sobre a exposição e a roda de conversa, segue abaixo trechos de alguns produzidos:

“Na última aula dia 31.05 fomos para um mini museu onde tinha um painel, tinham desenhos e folhas com estatísticas sobre mortes de muitas pessoas do grupo LGBT. Os dados das mortes e de como eles morriam eram assustadoramente terrível... Eu particularmente não sei se eu realmente apoio, desde pequena sou cristã e sempre tem esse atrito entre a religião e esses assuntos de homofobia, sempre fui induzida a acreditar que é errado.”

“A maioria das pessoas que são homofóbicas foram educadas mal, familiares, pais, ou alguma pessoa da família que tem esse preconceito, e quando chega a vida adulta essa pessoa pratica isso como se fosse algo natural.”

“Para mim a aula passada além de retratar um modo de arte maneiro (a técnica da luz) para mim teve dois focos importantes. 1º a quantidade de mortes retratadas naquelas fotos, jornais, artigos, notícias, que há muitas mortes com adolescentes LGBTs e isso é um absurdo para a sociedade em

pleno século XXI. 2º foco foi a relação de respeito para com o outro.”

“É uma obra para sensibilizar o público e incentivar o respeito a todos a nossa volta...As pessoas de hoje em dia são muito intolerante a classe LGBT.”

Boa parte dos relatos descritos nesses memoriais falavam do atrito entre o tema do trabalho e os dogmas religiosos ensinados em casa, porém, farto número de estudantes descreveram a importância da obra para perceberem que esses debates são essenciais para a promoção da tolerância e do respeito, qualidades muito importantes para a formação enquanto cidadãos/ãos

Em 12 de junho de 2019, Transvisível participou da Exposição Cultural dos Projetos Estruturantes do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. O convite veio por parte da coordenadora pedagógica da escola. O trabalho foi exibido para estudantes do Ensino Médio, dos turnos matutino e vespertino. Nessa exposição específica não houve espaço para roda de conversa ou diálogo com estudantes num grande grupo, as trocas aconteceram mais de forma individual. Durante a exposição alguns/mas estudantes se aproximaram e parabenizaram pelo trabalho, um grande número já assumiu sua homoafetividade e falaram um pouco dos preconceitos sofridos na escola e de como eram necessárias iniciativas como essa no ambiente escolar.

As experiências de exposição e trocas nos espaços formais de educação evidenciaram seu potencial pedagógico, demonstrando a flexibilidade de aplicação enquanto ferramenta educativa - tanto para o ensino fundamental, quanto para o ensino médio - e, claro, alargando seu alcance. É importante ressaltar que as escolas são também espaços de ampla visibilidade e potência, especialmente em cidades menores como Porto Seguro/BA. Nestas duas exposições, a média do público total foi de 1.280 estudantes. Nosso público está nas escolas e as produções artísticas - e acadêmicas - precisam chegar nelas.

Além disso, a circulação da obra permitiu contextualizá-la neste território, dialogar mais amplamente sobre o preconceito e violência contra a população LGBTI+, bem como revelou a possibilidade de atuação da obra como mobilizadora do diálogo em torno de conflitos pré-existentes e enfrentados diariamente por esses corpos dissidentes nos espaços educativos. Por fim, desvelou-se também que a oportunidade de diálogo sobre uma obra, especialmente em contato direto com a artista proponente, pode atuar como estímulo à produção artística, tendo em vista o interesse estudantil acerca dos processos, técnicas, formatos e expressões.

Ainda, em 13 de julho de 2019, o trabalho participou da exposição Contra a Política do Esquecimento, na Abayomi Casa de Cultura. Esta foi uma experiência de exposição em um espaço não-formal de educação, uma casa de cultura, com um público bastante variado, mas demarcado localmente. O espaço atua no bairro do Cambolo, periferia de Porto Seguro/BA, ocupando uma casa em meio a uma rua comum, mesclando-se com o cotidiano do bairro. Os espaços não-formais de educação, especialmente estes assentados fora do centro da cidade, articulam

experiências mistas e marcadas pela autonomia. Diferente das experiências nas escolas, a reverberação da obra é sentida nas conversas entre visitantes, nas perguntas e diálogos travados diante da obra. A intencionalidade pedagógica se constrói de outra forma, mas acontece.



Fig. 8 - Registro da exposição da obra no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, 2019. Fonte: arquivo da artista.



Fig. 9 - Registro da exposição da obra no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, 2019. Fonte: arquivo da artista.

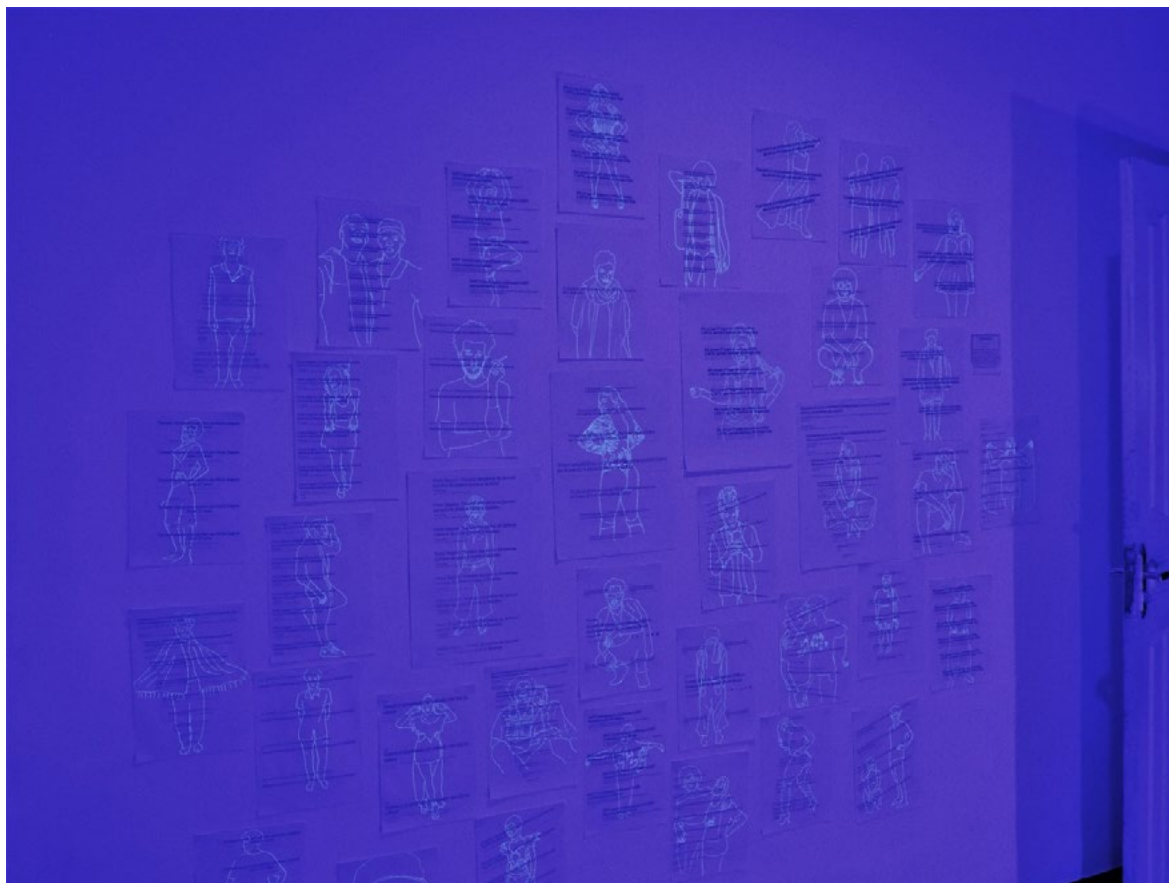


Fig. 10 - Registro da exposição na Abayomi Casa de Cultura, 2019. Fonte: arquivo da artista.

Especificamente neste dia, com muitas atividades acontecendo em paralelo, incluindo show de drag queens, pessoas trans e muitas outras atrações pautadas nas discussões de gênero, raça e classe social, houve a visita de duas crianças, moradoras da mesma rua em que se localiza a Abayomi Casa de Cultura. Eles entraram curiosos pela luz negra, depois foram atraídos pelos desenhos refletidos: como a leitura lhes era dificultada, o norte eram os desenhos. Até que um deles disse: “- Esta aqui é aquela moça que está lá embaixo”, referindo-se à drag queen que se preparava para conduzir a noite de apresentações na Abayomi. A associação aconteceu e, a partir disso, ambos começaram a associar as imagens dos desenhos à pessoas presentes no evento, isto é, a humanizar, corporificar as representações.

Consideramos que as experiências, aqui trazidas, reafirmam as potências e fluidezes das ações expositivas em espaços educacionais, formais ou não-formais. Enquanto educadoras, a criação pedagógica nos atravessa, nos mobiliza continuamente. Por vezes, é dela que partem as tensões para o fazer artístico ou artístico-pedagógico. Neste caso, as inquietudes docentes levaram a experimentar a exposição de um trabalho concebido em outro contexto - da pesquisa artística universitária -, em espaços não-expositivos, mas sim com enfoque educativo e/ou cultural. Desvelando a possibilidade de discutir um tema atual, necessário e difícil - para alguns espaços formais, especialmente - através de uma abordagem outra, menos protocolar e mais provocativa.

Considerações finais

Um dos primeiros pontos que consideramos importante destacar da experiência de criação e exposição do trabalho *Transvisível* (2018), é sua articulação universidade-comunidade-escola. Acreditamos que esta é uma questão que atravessa nossos processos e articula caminhos que contribuem para sobrepor o usual hermetismo universitário e aproximar o fazer pesquisa de um fazer da práxis, do cotidiano; da pesquisa artístico-pedagógica e suas múltiplas aberturas. Foi de um projeto de pesquisa que essa proposição surgiu, fez caminhos até à comunidade e, especialmente, aos espaços educacionais e encontrou as reverberações intencionadas.

No que diz respeito às vivências das exposições e trocas sobre *Transvisível*, é notória a importância de trazer aos contextos educacionais, formais ou não-formais, as discussões necessárias e constitucionalmente pautadas acerca das dissidências de gênero e sexualidade. Especialmente diante da intensificação dos discursos conservadores, ancorados nos dogmas religiosos e no tradicionalismo de um parcela da sociedade, reforça-se a complexidade - e importância - de provocar reflexões, conversas e produções sobre o assunto.

Neste sentido, as exposições da obra foram rememorações para nós, enquanto educadoras, de como a criação artística resguarda um forte potencial pedagógico, capaz de mobilizar estas discussões e suscitar processos internos nas/os estudantes, que têm reflexo direto na sua atuação social. Ao analisarmos os dados mostrados nas reportagens do trabalho artístico e seu impacto no ambiente escolar, principalmente, a partir dos memoriais reflexivos escritos por alguns/mas estudantes, pudemos identificar como a falta da discussão de gênero na escola contribui para a permanência/manutenção dos discursos homofóbicos que, posteriormente, podem progredir para agressões físicas e homicídios, tendo como reflexo os grandes índices de violência contra a comunidade LGBTI+ registrados a nível nacional.

A experiência de olhar de outra forma para estes dados, de refletir sobre a humanização e corporificação desses números, reitera a potência da articulação entre arte e educação. Pensar a criação artística como fazer potencialmente pedagógico e pensar o fazer pedagógico como criação. É um pensar-fazer dissidente, justamente para articular as dissidências necessárias, que irrompam os processos conservadores, arcaizantes e retrógrados que tem retomado às pautas públicas nesse momento histórico. É sobre visibilizar as potências, dissidências e confluências que contribuem para a construção da sociedade plural e equitativa que queremos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf> Acesso em 16 de outubro de 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Resolução CNE/CEB 3/2018. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de novembro de 2018. Disponível em <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>> Acesso em 16 de outubro de 2020.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em 16 de outubro de 2020.

CALANCA, Daniel. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac, 2008. 227 p.

Estudantes LGBT se sentem inseguros nas escolas, aponta pesquisa. **Câmara dos Deputados**. Brasília, 18 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/525534-estudantes-lgbt-se-sentem-inseguros-nas-escolas-aponta-pesquisa/#.Weixz_fjchY.twitter> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

MARQUES FILHO, Adair. **A moda fazendo gênero: representações sociais sobre “modos de vestir gay”**. 2015. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Parlamentares aprovam 12 projetos na sessão ordinária desta quinta-feira. **Câmara Municipal de Porto Seguro**. Porto Seguro, 21 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.cmps.ba.gov.br/184-parlamentares-aprovam-12-projetos-na-sessao-ordinaria-desta-quinta-feira>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

PIRES, Beatriz Ferreira; VICENTINI, Cláudia Gargia; AVELAR, Suzana (Orgs.). **Moda, vestimenta, corpo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. 148 p.

Relatórios Anuais de mortes LGBTI+ no Brasil: relatório 2019. **Grupo Gay da Bahia**. Disponível em:<<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>> Acesso em: 19 de outubro de 2020.

Submissão: **20/10/20**

Aceitação: **02/12/20**